

Violência e drogas

A repressão ao tráfico representa um grande ônus para o sistema de justiça criminal. Recursos que poderiam ser utilizados para outras ações são drenados para a repressão



Túlio Kahn

1º de abril de 2021

Drogas e violência estão relacionadas de diversas formas. A intoxicação por drogas aumenta o risco tanto de vitimização quanto de participação em crimes, o vício estimula o cometimento de crimes para aquisição de drogas, os confrontos entre traficantes e entre estes e a polícia fazem milhares de vítimas todos os anos e traficantes exercem controle dentro do sistema prisional e em muitas comunidades pobres do país. (Goldstein, 1985; Blumenstein, 1995)

A repressão ao tráfico representa um grande ônus para o sistema de justiça criminal brasileiro - em 2016, o total era de 196 mil presos por esse crime no Brasil (Infopen, 2016). O crescimento de outras modalidades de crime pode ser em parte resultado da carência de recursos para a prevenção e policiamento, drenados para a repressão ao tráfico e uso de drogas. (Cerqueira, De Mello e Araújo, 2014).

Entre diversos crimes, especula-se que tráfico de drogas afete principalmente os homicídios intencionais no Brasil, através do que Goldstein definiu como “violência sistêmica”: traficantes matam outros traficantes na disputa por áreas de venda, matam usuários endividados, traidores dentro do próprio grupo, matam ou são mortos por policiais em operações de repressão ao tráfico. Traficantes, como outros criminosos, não podem recorrer à justiça formal para a resolução de conflitos e partilham de uma cultura de violência na resolução de conflitos.

São fatores de risco no Brasil, aumentando esta violência sistêmica: 1) o domínio territorial das facções em algumas comunidades pobres e o porte de armas de grosso calibre, 2) a existência de muitas facções e gangues em disputa; 3) uma política de confronto armado das polícias com o tráfico em alguns estados brasileiros, como Rio de Janeiro, no estilo “guerra às drogas”; 4) a violência policial com a população aumenta a legitimidade simbólica dos traficantes na sociedade; 5) a política de encarceramento de jovens envolvidos no baixo escalão do tráfico fortalece as facções que controlam o sistema prisional; 6) jovens nas grandes cidades brasileiras partilham de uma “cultura do tráfico”, enaltecida nos bailes funks, nas músicas, nas gírias, nas telenovelas e outras manifestações culturais.

Esta “cultura do tráfico” influencia na forma como os jovens percebem a polícia, as instituições, os valores com relação ao trabalho e ao estudo, sucesso e outros valores (Blumenstein, 1995, “desorganização da comunidade”) 7) existem condições sociais propícias para o consumo e o tráfico no país: cerca de 18% dos jovens brasileiros nem estudam nem trabalham.

O Brasil não chama a atenção pela elevada taxa de consumo de drogas, mas tornou-se uma das principais rotas de exportação de drogas da América Latina para o mundo. Isto explica em parte a maior relevância das drogas via violência sistêmica e menor relevância da via farmacológica ou via pressão econômica.

Natureza e tendências dos homicídios e tráfico de drogas no Brasil

Que porcentagem das mortes é responsabilidade da violência sistêmica? O impacto do tráfico sobre os homicídios são mais claros nas mortes que ocorrem dentro do sistema prisional e nas comunidades (favelas) dominadas pelas facções. Mas a literatura acadêmica é imprecisa quando se trata de medir o impacto do tráfico nos homicídios em geral. Na média, apenas 35,3% dos homicídios são esclarecidos no Brasil. Faltam informações sobre as “motivações” dos homicídios e quando as informações existem, não há uma padronização sobre como classificá-las.

De acordo com as estatísticas do Ministério da Justiça, nos últimos cinco anos o Brasil teve 271.869 casos de homicídio doloso (com 282.052 vítimas), equivalente a uma taxa de 21,7 por 100 mil habitantes. Ainda segundo dados coletados pelo Ministério da Justiça junto às secretarias de segurança estaduais, nos últimos 20 anos a taxa de tráfico de drogas por 100 mil habitantes passou de 10,7: 100 mil para 79,05:100 mil, um crescimento de 639% no período.

UF	Tx tráfico por 100 mil - média 1998/99	Tx tráfico por 100 mil - média 2018/19	Varição %
PA	2,38	68,1	2.761,84
SC	5,25	129,66	2.368,23
CE	4,5	82,15	1.727,46
SE	2,51	41,89	1.569,36
AL	3	49,53	1.552,13
MT	7,53	110,3	1.364,37
AM	4,4	57,14	1.198,14
PE	5,12	64,96	1.168,47
PI	2,37	26,26	1.009,54
ES	11,58	124,1	972,04
MG	16,65	164,97	890,61
PR	11,63	106,02	811,44
MS	15,59	132,12	747,33
RS	12,77	106,26	732,23
TO	5,58	43,76	684,66
AC	16,64	129,91	680,85
BA	7,16	47,6	564,86
MA	4,28	28,06	555,52
GO	15,86	94,07	493,05
DF	17,3	92,57	434,99
AP	11,16	57,4	414,17
RO	19,98	100,02	400,61
SP	24,48	104,76	327,94
PB	5,28	20,39	285,93
RJ	21,14	70,08	231,55
RR	28,21	72,73	157,84
RN	6,42	9,47	47,53
Média	10,7	79,05	639,09

Note-se, portanto, que o crescimento das ocorrências de tráfico é bastante superior ao crescimento dos homicídios. Este crescimento pode significar, simultaneamente 1) aumento da centralidade da questão do tráfico para as polícias, 2) melhora na coleta das informações, 3) crescimento do consumo interno, 4) aumento no envio de drogas para fora do país.

Que porcentagem das mortes se pode atribuir ao tráfico e que parte à violência interpessoal?

Analisando 32 estudos que avaliaram a motivação dos homicídios encontramos que as porcentagens de homicídios atribuídos ao tráfico oscilam de 9% a 78% e há muita variabilidade entre os estudos e os estados. Se tomarmos uma média de 45 mil homicídios por ano e a média de 40%, o tráfico de drogas seria, portanto responsável por 18.000 homicídios/ano no país.

Pesquisa	Estimativa	Estado	Cidade	Região	Ano
Brito	78,00%	MG	Uberlândia	SUDESTE	2017
PCPR	77,00%	PR	Curitiba	SUL	2020
SDS	72,50%	PE		NORDESTE	2018
MPF	71,40%	BA	Salvador	NORDESTE	2012
MPF	65,80%	ES		SUDESTE	2012
MPF	64,80%	AL	Maceió	NORDESTE	2012
SSPBA	63,70%	BA		NORDESTE	2014
MJ	63,00%	PE	Recife	NORDESTE	2006
MPF	58,00%	PR		SUL	2012
MJ	48,00%	GO		CENTRO OESTE	2006
MPF	46,80%	RS		SUL	2012
Cerqueira	46,60%	RJ		SUDESTE	2020
SSPDS	44,00%	CE		NORDESTE	2020
MPF	43,40%	MT		CENTRO OESTE	2012
MPF	42,30%	DF		CENTRO OESTE	2012
SSPDS	41,20%	CE		NORDESTE	2020
MPF	36,20%	GO		CENTRO OESTE	2012
Cerqueria	32,40%	MG	Belo Horizonte	SUDESTE	2020
Cerqueria	30,40%	AL	Maceió	NORDESTE	2020
Sapori	29,40%	MG	Belo Horizonte	SUDESTE	2013
Cerqueria	27,70%	SP	São Paulo	SUDESTE	2020
MPF	27,30%	PE		NORDESTE	2011
Sapori	24,90%	AL	Maceió	NORDESTE	2013
ISP (Dirk & Moura)	21,40%	RJ		SUDESTE	2014
Mingardy	20,00%	SP	São Paulo	SUDESTE	1998
Barata	19,40%	SP	São Paulo	SUDESTE	1998
Sapori	18,50%	MG	Belo Horizonte	SUDESTE	2010
MPF	17,80%	SC		SUL	2012
DHPP	13,00%	SP		SUDESTE	2003
MPF	9,90%	MS	Campo Grande	CENTRO OESTE	2012
FGV	9,60%	SP		SUDESTE	2012
MPF	8,90%	SP		SUDESTE	2012

Para acessar as fontes dos dados utilizados na tabela clique aqui

Porém, este percentual está provavelmente enviesado, pois é baseado apenas nos casos em que a motivação da morte foi identificada. Não se sabe se o viés é positivo ou negativo. Alguns autores avaliam que as mortes ligadas ao tráfico são mais fáceis de identificar do que outras mortes violentas, superestimando o percentual de tráfico na motivação, enquanto outros avaliam o inverso (Sapori, 2014).

Além disso, o percentual assim estimado sofre de uma deficiência técnica, pois é incorreto fazer uma média de porcentagens quando a quantidade absoluta de homicídios é muito diferente entre as unidades. Pequenos estados do Norte e do Nordeste, com poucos homicídios absolutos, inflam para cima o percentual. Precisamos de estimativas nacionais, mas elas não existem.

Tampouco existe uniformidade na classificação. Em alguns estudos, um índice de morte por execução já é suficiente para que a morte seja atribuída ao tráfico, inflacionando a contagem. Outros estudos incluem a morte de traficantes, mesmo que tenha ocorrido em outros contextos.

É preciso finalmente ter em mente que há uma pressão social para a que a polícia identifique autores e motivos das mortes e as polícias às vezes cedem à tentação de dar uma resposta imediata para os casos, sem aprofundar a investigação. Como Saporì (2019) e Cerqueira (2020), acreditamos que o percentual mais realista de mortes que podem ser atribuídas ao tráfico de drogas está mais próxima de 30%. É muito, mas menos do que as autoridades brasileiras, pesquisas acadêmicas qualitativas e o senso comum costumam estimar.

Túlio Kahn

Consultor sênior na Fundação Espaço Democrático e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://www.fontesegura.org.br/analises-criminais/gtsnd9oopv>

